



Temática 3: Políticas de Informação, Multiculturalidade e Identidade Cultural

O Lugar do Livro e do Leitor no Brasil um estudo a partir da história do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás

Liliane Juvência Azevedo Ferreira

ljuvencia@bc.ufg.br

Universidade Federal de Goiás

Marlon Jeison Salomon

marlonsalomon@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

RESUMO

Este trabalho tem como principal proposta questionar o papel da instituição biblioteca no Brasil. Através de uma apresentação da história do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás (UFG), elaborada a partir da construção de um estudo realizado em 2009/2010, para a composição de monografia do curso de especialização em História Cultural pela mesma universidade, foi possível identificar: as concepções do que vem a ser biblioteca no contexto da comunidade da UFG, e de certo modo, para o Brasil; as políticas de incentivo para o uso das bibliotecas, considerando novas estruturas advindas das novas tecnologias da informação e as persistentes dificuldades em manter uma instituição moderna e adequada para os usuários que buscam informação. Concluiu-se, a partir da experiência identificada no histórico do Sistema de Bibliotecas da UFG, que a Biblioteca no Brasil ainda se encontra sem muito reconhecimento; as instâncias superiores pouco investem para uma estrutura adequada e de qualidade e ainda persiste uma relação confusa entre usuários e biblioteca.

PALAVRAS-CHAVE:

Bibliotecas Universitárias. História do Brasil. Sistema de Bibliotecas da UFG.

1 Introdução

A história das bibliotecas apresenta a importância destas instituições através do seu papel fundamental nas constantes transformações da leitura, tendo em vista que ao longo dos tempos a biblioteca esteve presentes nos mais importantes contextos históricos, nacionalidades e diversidades culturais.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

No Brasil, as bibliotecas surgiram no período colonial, caracterizadas em acervos restritos às ordens religiosas. Na atualidade é considerada um ambiente ainda precário devido aos poucos investimentos em educação e a difícil relação entre aluno e biblioteca (MILANESI, 1983, 2002).

Mesmo diante de tantas dificuldades e do pouco reconhecimento em algumas sociedades, a instituição biblioteca tem o seu papel relevante, sua existência tem contribuído muito para as várias formações. Segundo Jacob (2000) na encruzilhada da história das bibliotecas e do livro uma nova abordagem quanto às práticas culturais foi desenvolvida. Novos modelos de trabalhar o pensamento surgiram e nesse sentido, várias revoluções fizeram com que a biblioteca precisasse adaptar melhor seu espaço para a disseminação e conservação da memória e do saber. Nos primórdios, tratava-se de um lugar restrito, mas com o acelerado processo da produção impressa e democratização da leitura, a biblioteca passou a priorizar mais seus leitores.

Assim, o presente trabalho apresenta o resultado sucinto de um estudo realizado em 2009/2010, para a composição de monografia do curso de especialização em História Cultural da Universidade Federal de Goiás, que teve como objetivo analisar a história do sistema de bibliotecas da UFG e, assim, observar o papel da instituição biblioteca no Brasil. Os instrumentos utilizados se basearam em fontes históricas pesquisadas no arquivo do Sistema de Bibliotecas da UFG, localizado na Biblioteca Central do Campus II em Goiânia, tais como relatórios e atas de reuniões e, também, de uma entrevista realizada com um bibliotecário que participou de uma grande parte dessa história.

2 Biblioteca: Da Censura à Democratização

O conhecimento humano, que conseqüentemente passou a ser registrado, tornou possível a forma de manter viva a memória da humanidade. A produção impressa tornou-se incontrolável através dos registros em série, que, por conseguinte, necessitou cada vez mais de ordenação. E essa reunião de documentos registrados passou a se chamar coleções, e mais adiante, Biblioteca, que passou, e passa, por constantes transformações e significados. Ora sinônimo de riqueza e espaço cultural, ora como mero espaço para depósito:

Mas a biblioteca – especialmente uma tão vasta – não é um mero repositório de curiosidades. É um mundo a um só tempo completo e incompletável, cheio de segredos. Ela está submetida a um regime de mudanças e ciclos que contrastam com a permanência insinuada por suas longas fileiras de livros. [...] A biblioteca é como



XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

um corpo, e as páginas dos livros são os órgãos espremidos uns contra os outros na escuridão. (BATTLES, 2003, p.11-12).

Diante dessa diversidade informacional, a forma de manter esses materiais informacionais acessíveis é uma preocupação antiga, desde os acervos primitivos caracterizados pelas coleções de argila, papiro, o pergaminho, até a forma mais recente que é o texto virtual.

Na antiguidade os registros eram pouco acessíveis e na Idade Média a censura se instalou de forma rígida e restrita. A acessibilidade foi possível apenas com a criação das primeiras universidades no século XVII. Chartier (1999) observa que com as escolas urbanas o livro passa a ter um novo sentido. Ele deixa de ser mistério da palavra e passa a ser a decifração do sentido.

A consequência desta nova era foi o grande estímulo ao conhecimento da escrita, fazendo surgir mais autores e leitores. Eis que surge, neste contexto, a ampliação das bibliotecas, visto que o monopólio do conhecimento que acabara de sair da tutela dos religiosos passa a fazer parte de outros segmentos da população. Com essa situação – crescimento acelerado da produção editorial - a necessidade de repensar o espaço físico da biblioteca tornou-se fundamental e o bibliotecário passa, nesse sentido, a ser o agente organizador desse “caos”. (CHARTIER, 1998)

Assim, diante de tantas revoluções e com a segmentação do conhecimento, o perfil dos leitores começa a então se fragmentar, e as bibliotecas passam a lidar com uma diversidade abrangente de usuários de informação, em que cada categoria se encontra numa colocação social diferenciada. Milanesi (1983,2002) afirma que é preciso motivar e principalmente, saber atender às demandas específicas. Neste caso o profissional da informação, o bibliotecário, precisa constantemente traçar o perfil de seus usuários para tentar ajudá-los em suas pesquisas e atender com qualidade.

2.1 O Contexto Sócio-Cultural e a Biblioteca no Brasil

Ortiz (2006) em seu livro *Cultura Brasileira e Identidade Nacional* apresenta que a identidade nacional está ligada a uma interpretação e reinterpretação da cultura local pelos grupos sociais. Afirma que existem intermediários que favorecem a construção das identidades que podem ser intelectuais que desempenham o papel de mediadores simbólicos, articulando uma totalidade de manifestações culturais, transformando-as em informações a serem repassadas. Pode-se afirmar então, o importante papel de professores, bibliotecários e



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

até mesmo das instâncias superiores na construção da representação de biblioteca e leitura, assim como qualquer outra representação, na vida de uma pessoa¹. Por outro lado, nesse contexto que discute as interferências na construção de representações, é relevante observar a influência dos meios de comunicação na construção de sentidos. Martín -Barbero (1993 apud YÚDICE, 2000), numa abordagem dedicada à globalização cultural comenta que num contexto de transformações – pós-modernidade – ocorre uma desurbanização da vida cotidiana, isto é, a cidade e os usos de seus espaços, se tornam distantes da sociedade no sentido de que os meios de comunicação, mais especificamente a televisão, transformaram-se em meios de usar a cidade de forma imaginária. Pode-se dizer, então, que assim como vários outros aspectos da cidade, a biblioteca encontra-se “imaginada”. Milanesi (2002, p.43-44) reforça essa idéia ao comentar sobre a evolução do acesso à informação apontando o surgimento dos meios de comunicação, tais como o rádio e a televisão, como veículos que se tornaram essenciais à vida cotidiana das pessoas, principalmente nos países de menor índice educacional. Agem de tal forma influenciando, inclusive, o ato da leitura, onde ler e imaginar se tornam um excesso, a televisão pode fazer isso para as pessoas tornando suas necessidades informacionais suficientes.

Nesse sentido, a imagem da instituição biblioteca vai variar de acordo com o contexto, com uma cultura. E no Brasil, a representação desse espaço pode estar estritamente ligada aos fatores educacionais e culturais – analfabetismo, poucos investimentos, influência dos meios de comunicação e, conseqüentemente, o pouco contato com a biblioteca durante a infância e adolescência. Uma cultura nacional é um discurso, uma forma de construir sentido. O discurso do sujeito se baseia no contexto histórico e cultural. (CERTEAU, 2002).

Nos Estados Unidos, a partir do século XX a expansão da leitura tornou-se uma forma de aperfeiçoamento pessoal. E assim, como em muitos outros países da Europa, onde a leitura é considerada como uma ferramenta para uma boa educação, uma biblioteca é importante na construção e recuperação de uma pessoa. Infelizmente essa concepção não faz parte de muitas sociedades, no Brasil, por exemplo, houve uma tentativa de inserir a leitura como instrumento de elevação do nível cultural. A partir do Estado Novo e das ações do Instituto Nacional do

¹ Os intelectuais nesse caso, professores e bibliotecários, são intelectuais num sentido específico, não num sentido lato-sensu, conforme explicita Renato Ortiz. A intenção desta comparação foi a de ilustrar a importância de especialistas e/ou educadores na formação de uma pessoa. Ortiz, considera como intelectuais intermediários, especialistas que se voltam para uma vivência imediata, são pesquisadores que se orientam para elaborar um conhecimento de caráter globalizante. Podemos complementar a afirmação de Ortiz considerando outros especialistas como esses intermediários



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

Livro (INL) foi criada uma campanha de incentivo à leitura. A idéia seria a implantação de uma biblioteca em cada município do Brasil. Caberia ao governo federal a escolha dos livros e ao governo municipal disponibilizá-los à população, no entanto, essa idéia não deu certo. A causa desse fracasso se deu com a implantação da pesquisa escolar em biblioteca no sistema educacional como obrigação aos alunos. As crianças tinham que ir à biblioteca realizar algum tipo de pesquisa e como não haviam bibliotecas em suas escolas, recorriam às bibliotecas públicas. Essa prática, implantada por lei, foi muito mais caracterizada por cópias de textos que a realização de uma pesquisa de fato (MILANESI, 2002). Esse hábito tornou-se rotina nas bibliotecas públicas e não nas escolares, eram as bibliotecas públicas municipais que faziam o atendimento aos alunos em suas pesquisas.

Nesse sentido, a idéia do INL de implantar uma informação pública através de bibliotecas municipais abertas ao cidadão perdeu o sentido, pois o tempo perdido no atendimento das pesquisas escolares atrapalhou esse objetivo. Situação que reflete até hoje uma visão negativa de biblioteca no Brasil. A instituição que deveria ser um espaço agradável para a aquisição do conhecimento é considerada um local de obrigatoriedade e satisfação das solicitações dos professores. E muitas vezes é na universidade que o problema se agrava. Um aluno universitário que em sua infância ou adolescência não teve contato com uma biblioteca, ou se teve era para fazer cópias ou atender algum trabalho obrigatório de algum professor, levará consigo pouco entendimento ou um entendimento distorcido da real importância de uma biblioteca. E quando precisar utilizar a biblioteca universitária não saberá reconhecer seus recursos.

A biblioteca universitária por muitos anos tem a obrigatoriedade, cobrada pelo Ministério da Educação (MEC), de existir e sua estrutura tem que ser organizada e controlada pelos critérios biblioteconômicos. Ao avaliar e/ou autorizar o funcionamento de uma instituição de ensino superior, o MEC considera boas instalações, laboratórios e pessoal qualificado, entre outros, como requisitos fundamentais (BRASIL, 2002). Nota-se certa incoerência nessa obrigatoriedade, pois o ensino superior não funciona sem biblioteca, mas o ensino básico sim, ou pelo menos funcionou por muito tempo. Pois só recentemente, em 2010, foi criada uma lei, a lei nº12.244 de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a obrigatoriedade de ter bibliotecas nas escolas. A esperança é que com a implementação dessa lei as escolas passem a incentivar seus alunos ao uso das bibliotecas, o que instigará um contato maior com essa instituição, educando-os ao uso das bibliotecas públicas e universitárias e garantindo, também, maior



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

reconhecimento. Ademais ao fato de, finalmente, a biblioteca poder exercer o seu real papel: de disseminação da informação.

3 O Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás

A história de uma biblioteca, assim como de qualquer outra, reflete as políticas de uma época e a cultura de uma sociedade. Segundo Jacob (2000, p. 15):

As bibliotecas são os lugares da continuidade, mas também das rupturas da tradição. [...] a história das bibliotecas é também a história do que uma sociedade, as instâncias de poder, um meio intelectual decidem transmitir. Momento crucial, em que o esforço reflexivo sobre o que constitui o essencial de uma cultura e de um patrimônio coexiste com os acidentes imprevisíveis que perturbam esses planos.

As bibliotecas e/ou salas de leituras da Universidade Federal de Goiás nasceram com a criação da Universidade em 1960 junto à política econômica de metas de Juscelino Kubischek. Foram reunidas, para unificação, as Faculdades de Direito, Farmácia, Odontologia e Engenharia que já existiam em Goiânia.

Essa reunião foi consequência das constantes lutas por representantes dessas faculdades sob a liderança do professor e diretor da Faculdade de Direito Colemar Natal e Silva que reivindicavam a unificação das faculdades e criação de outras que fossem mantidas por um ensino público e gratuito. Nesse período, as universidades brasileiras contavam com o momento de expansão, e assim como várias universidades, a UFG dava os primeiros passos rumo ao desenvolvimento com o aumento de novos cursos.

Após a criação da UFG, o cenário brasileiro encontrava-se num conturbado contexto de mobilização de estudantes e outras categorias que manifestavam em favor de transformações sociais. E foi diante deste cenário, marcado, também, pela rigidez militar, já em meados da década de 70, que a UFG seguiu com seus objetivos. A partir de então, algumas estruturas precisavam ser repensadas, dentre elas, as bibliotecas que funcionavam de forma precária.



3.1 O Papel da Biblioteca

O Sistema de Bibliotecas da UFG² foi criado a partir da iniciativa de alguns representantes de unidades acadêmicas da universidade e do então reitor, o professor Farnence Dias Maciel Neto, em 1971. Nessa época criou-se na UFG um Conselho de Bibliotecas Universitárias (CBU) para discutir os novos rumos das treze bibliotecas seccionais existentes em algumas unidades acadêmicas.

Foi detectado que a UFG contava com bibliotecas deficientes, tanto em estrutura física, quanto em quadro de pessoal especializado. Investimentos como a criação de uma Biblioteca Central, maiores recursos para aquisição de materiais informacionais, investimentos em tecnologias e ampliação do quadro de pessoal foram lutas difíceis. E com a expansão das universidades, conseqüentemente, houve o aumento da demanda, a biblioteca precisava atender e conquistar às várias especificidades que cresciam e precisavam de atenção.

Diante desse quadro, é importante observar que para justificar a importância da biblioteca em qualquer contexto, pode-se afirmar que o patrimônio intelectual, cultural e artístico encontrados nas bibliotecas reforça o sustentáculo da sociedade para pensar, pois o passado e o presente exercem um importante papel na construção e/ ou (in) formação da sociedade. E a mediação desse patrimônio transforma o que é importante. Os indivíduos vivem dentro de uma variedade de instituições sociais que refletem em suas escolhas e que são importantes para suas vidas (WOODWARD, 2000, p. 30).

Na UFG, conforme apresentam os registros históricos, essa importância foi pouco reconhecida. Os conselheiros e bibliotecários por muito tempo procuraram chamar atenção da administração por meio de relatórios, planos e projetos, se baseando nessa valorização do espaço biblioteca como mediadora de conhecimento, mas o retorno foi pequeno. Descompasso esse que não fugia da realidade de muitas bibliotecas durante as décadas de 70/80. Carvalho (1981) observava que as dificuldades das bibliotecas universitárias no Brasil em relação à crescente demanda do ensino superior, a velocidade com que crescia a produção bibliográfica e os imperativos da informação gerados pelo rápido desenvolvimento nacional,

² O termo *Sistema de Bibliotecas* ainda não existia apesar das concepções serem voltadas para um sistema centralizado, o qual criaria uma biblioteca central com a finalidade de administrar as seccionais. Visto que o termo *Sistemas de Bibliotecas* surge na Biblioteconomia na década de 1980 e só passou a ser utilizado na UFG em 1983 na direção da professora Maria Auxiliadora Andrade de Echegaray.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

já preocupavam bibliotecários e técnicos envolvidos no sistema de ensino que tinham poucas ferramentas para administrar.

A UFG dispunha de pouco recurso financeiro para muitos investimentos, e essa dificuldade fazia com que a biblioteca ficasse em segundo plano. A construção do prédio definitivo da Biblioteca Central, por exemplo, só foi realizada no final da década de 80. Ainda assim, com recursos de um projeto de parceria ente o MEC e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Desde a criação da Biblioteca Central, em meados da década de 70, houve uma imensa dificuldade quanto à construção do seu prédio para os serviços centralizados. Por muitos anos os serviços prestados foram realizados num pequeno espaço improvisado na Faculdade de Direito. Em todos os reitorados o argumento sempre foi a falta de recursos financeiros, o que não era uma desculpa, era fato. A direção da Biblioteca buscou, inclusive, nessa época (final da década de 70) solicitar a criação do curso de Biblioteconomia para tentar trazer professores para ajudar a parte técnica da biblioteca. Tentativa que só foi concretizada tempos depois.

O pouco recurso que o governo federal tinha para manter tantas instituições refletia, e pode-se dizer que ainda reflete, na manutenção de grandes estruturas. Isso ocasiona a precariedade, o funcionamento restrito. Milanesi (1983) afirma que a precariedade de investimentos no Brasil, nesse caso a biblioteca, se dá devido a situação política desorganizada com poucos investimentos em práticas educativas. E Chartier (1999) comenta que uma biblioteca não é edificada para satisfazer prazeres egoístas, mas para proporcionar aos leitores, pesquisadores, um meio propício e seguro de adquirir conhecimento. Trata-se de um investimento que assegurará a sociedade uma utilidade pública: o acesso à informação, à cultura, ao conhecimento.

A edificação de um espaço mais confortável e adequado para a Biblioteca Central na UFG foi uma das mais atrasadas quando comparada ao contexto nacional. Em uma pesquisa feita com algumas universidades federais brasileiras que trabalham com serviços de bibliotecas centralizados, detectou-se que a UFG demorou muito para construir a sede de sua biblioteca central. As sedes de algumas das bibliotecas consultadas foram construídas logo em seguida à criação e/ou federalização de suas respectivas universidades. A UFG demorou 29 anos para construir o prédio de sua biblioteca, só ficando atrás da Universidade Federal do Espírito Santo que demorou 37 anos. Como todas essas universidades foram criadas, expandidas ou federalizadas quase na mesma época, fica difícil entender o porquê de investimento maior em



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

umas e certo descaso em outras, considerando que todas foram e são mantidas por uma única instância: o governo federal. Fica evidente que a biblioteca, na UFG, assim como em outros centros, não constituiu uma prioridade ou, pelo menos, uma melhor consideração, visto que nos investimentos recebidos do governo federal para a universidade pouco foi direcionado à biblioteca. Em consulta as atas das reuniões do CBU nota-se várias discussões entre os conselheiros de bibliotecas e os pró-reitores sobre as prioridades na universidade. Era evidente que a biblioteca poderia ficar para depois ou então dividir recurso e/ou espaços com outras unidades acadêmicas. Ou seja, pouca autonomia e pouco preparo técnico para administrar de forma competente, considerando a falta do profissional bibliotecário e sua independência para administrar a instituição biblioteca. É certo que o recurso disponibilizado pelo governo era pouco, mas não havia interesse em, pelo menos, brigar pela causa e tentar mudar o quadro. Talvez porque no próprio contexto interno não havia reconhecimento da importância desse anexo educacional que é a biblioteca.

Após constantes lutas enfrentadas pelo CBU foi possível notar maior conforto no final dos anos 90, que se estende até hoje, como: infraestrutura, mais atenção das instâncias superiores quanto ao recurso financeiro, adaptações quanto às novas tecnologias da informação e comunicação, uma pequena ampliação do quadro de pessoal, e a criação de um sistema composto de várias bibliotecas, sendo elas: bibliotecas setoriais dos campi de Jataí, Goiás e Catalão e setoriais no campus de Goiânia.

Com a expansão universitária e com o projeto REUNI, as universidades começaram a ter recursos mais garantidos e mais satisfatórios e foi nesse cenário que a biblioteca universitária brasileira pôde trabalhar um pouco melhor no atendimento de seu público-alvo: estudantes, professores e até mesmo comunidade em geral.

Mesmo assim, na UFG, após esse conforto adquirido, o sistema precisou adequar-se para receber as novidades. E neste contexto, a equipe de funcionários não se conectava. Houve uma contratação de novos bibliotecários, mas não o suficiente para atender a demanda nova que crescia e tem crescido na universidade, visto que os investimentos financeiros começaram a melhorar, mas o número de pessoal para administrar os serviços ainda permanece pequeno. Percebe-se que ainda persiste um descompasso: houve melhora em termos estruturais, criação de novos cursos, mas ainda faltam investimentos em qualificação. A quantidade estrutural melhorou, mas a qualidade na administração desses investimentos ainda merece atenção.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

Através de alguns estudos realizados (estudos de usuários, relatórios) foi possível perceber, também, uma dificuldade em aproximar alguns alunos e professores dos serviços modernos que o Sistema conquistou. Historicamente, é possível afirmar que a universidade pouco contou com a participação efetiva de alguns professores nas atividades da biblioteca. Até mesmo nas sugestões de compra de materiais informacionais existia, e ainda existe, resistência de alguns docentes em participar. Algumas estatísticas mostram, inclusive, que os docentes vão pouco à biblioteca. Essa categoria deveria ser parceira na divulgação da importância da biblioteca para nossos alunos. É como afirma Silva (1991, p.67) sobre a relação confusa entre professores e bibliotecários, em que um joga a responsabilidade para o outro.

A comunidade desconhece muitos serviços oferecidos. Muitas vezes a biblioteca é muito usada por alunos da comunidade externa para estudo individual e pela interna, em sua maioria, para apenas o empréstimo domiciliar. A biblioteca tem um fluxo muito de grande no atendimento devido ao aumento de cursos, mas alguns serviços, muito importantes até, são desconhecidos ou subutilizados. A divulgação sempre foi uma preocupação do sistema, pois os registros históricos apresentam uma variedade de folhetos, campanhas, convites, projetos e comprovantes de treinamentos, o que nos leva a crer, mais uma vez, que as teorias levantadas sobre a imagem da biblioteca associada à cultura de uma sociedade são perfeitamente cabíveis.

4 Considerações Finais

Pesquisar a história das bibliotecas na UFG proporcionou o conhecimento de uma série de fatos que puderam esclarecer a atual situação da biblioteca em nosso estado e, até mesmo em nosso país. Foi possível comparar a partir da particularidade da UFG que as dificuldades de investimentos em biblioteca no Brasil é um problema sério, embora na história dos livros e das bibliotecas uma nova abordagem, caracterizada como democrática, faz parte da realidade contemporânea. O que se pode concluir é que o problema é cultural, é particular de uma sociedade, como afirma Jacob (2000) que diz que a história das bibliotecas é também a história de uma sociedade. Conforme esse estudo foi possível observar que as instâncias superiores não investem muito em políticas que beneficiam nossas bibliotecas. Permitem, a partir do descaso, a disseminação de uma imagem estereotipada.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

Por muitos anos o ensino fundamental de nossos alunos foi construído, na realidade de muitas escolas, sem uma biblioteca. A Biblioteca Central da UFG, por exemplo, passou a se tornar sobrecarregada já na década de 70, e até hoje, com o aumento de sua demanda a partir da frequência de alunos de cursinhos pré-vestibulandos e estudantes de concursos. E os alunos da universidade, como público-alvo, em sua maioria, desconhecem alguns serviços que lhes são de direito. Caberiam às escolas de nível médio satisfazerem a demanda dos vestibulandos e as bibliotecas públicas atenderem às necessidades dos interessados em cursinhos. Fazer da biblioteca um ambiente rotineiro na vida dos alunos do ensino básico, através de bibliotecas escolares, resolveria esses problemas e, ainda contribuiria numa melhor formação desses indivíduos. E como descreve Chartier (1999), a biblioteca tornaria um ambiente invasor, ameaçador e incontrolável.

The Place of the Book and the Reader in Brazil
a study of history from the libraries of the University System of
Federal Goiás

ABSTRACT: The main purpose of the present report is to question the role of libraries in Brazil. Throughout a presentation regarding the history of the Library System of the Federal University of Goiás (UFG), that became real through the study realized between 2009/2010, in order to develop the final paper work for the title of specialist in Cultural History from the same university, it was possible to identify: the conceptions of what is a library in the context of the public from UFG and, in some ways, to Brazil; the encouragement policies developed for the use of libraries, considering new structures from information technologies and the persistent difficulties to keep a modern and suitable institution for the information seekers / users. It has been concluded that, from the experience identified in the history of the Library System of UFG, that libraries in Brazil are still this day working and existing without a lot of recognition; the higher management tend to invest a little for a suitable structure and for quality and still persists in a confuse relationship between information seekers / users and the library.

KEYWORDS: Brazil's History. Library System of UFG. University Libraries.

Referências

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Manual de verificação in loco das condições institucionais**: credenciamento de instituições não universitárias; autorização de cursos superiores (ensino presencial e a distância). Brasília; MEC; SESu, 2002.

CARVALHO, Maria Carmen Romcy de. **Estabelecendo padrões para bibliotecas universitárias**. Fortaleza: Edições UFC, 1981.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,
Documentação e Ciência da Informação**
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In:_____. **A escrita da história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p.65-106.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV**. Brasília: UNB, 1999.

JACOB, Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. p. 9-17.

MILANESI, Luis. **O que é Biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu da. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-71.

YÚDICE, George. A globalização da cultura e a nova sociedade civil. In: ALVAREZ, Sônia et al. (org). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p.427-445.